

A interação dos argumentos nos processos argumentativos de uma reportagem sobre bullying nas escolas

Edmar Peixoto de Lima

Professora Doutora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil.

 orcid.org/0000-0001-8827-1136

Márcia Pereira da Silva Franca

Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil.

 orcid.org/0000-0002-3507-3571

Maria José Fernandes da Silva Araújo

Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

 orcid.org/0000-0002-3969-0729

Resumo: Este artigo objetiva analisar a interação dos argumentos com vistas a compreender a força da argumentação presente na construção de uma reportagem sobre bullying nas escolas. O trabalho se fundamenta nos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Cunha (2005), Bakhtin (2016), Amossy (2018). Os resultados apontam que a força dos argumentos está relacionada às teses principais e às escolhas dos argumentos de sustentação que, por sua vez, variam de acordo com o auditório ao qual o orador se direciona e com o gênero textual utilizado na enunciação. Sendo assim, o objeto de estudos desta investigação configura uma temática importante para a argumentação, tendo em vista que não basta apenas identificar as teses defendidas, mas também cabe ao pesquisador analisar de que forma os argumentos e as teses interagem no texto para exercer a função de influenciar ou orientar o outro na conversação.

Palavras-chave: Tese. Técnicas Argumentativas. Interação. Reportagem.

Abstract: This article aims at analyzing the interaction of arguments to understand the strength of the argument construed in a report about bullying in schools. The work is based on the studies of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Cunha (2005), Bakhtin (2016), Amossy (2018), among other scholars. The results show that the strength of the arguments is related to the main theses and to the choices of the supporting arguments, which, in turn, vary according to the audience whom the speaker addresses and the genre used in the enunciation. Therefore, the object of this investigation is configured as an important theme for argumentation studies, considering that it is not enough to only identify the defended theses, but it is also up to the researcher to analyze how the arguments and the theses interact in the text in order to exercise the function of influencing or guiding the other person in the conversation.

Keywords: Thesis. Argumentative Techniques. Interaction. Report.

Introdução

Este trabalho parte do pressuposto de que a argumentação é intrínseca aos diversos discursos que permeiam a sociedade, uma vez que, ao construí-los, o orador tem a pretensão de atuar sobre seu auditório, levando-o ao convencimento ou à persuasão com relação aos posicionamentos apresentados. A nosso ver, tomando por base os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a organização dos argumentos dar-se-á de modo que o orador possa reforçar as crenças e as convicções defendidas, recorrendo à interação entre as teses e os argumentos mobilizados nos discursos.

Influenciados por esta compreensão, objetivamos investigar a interação com vistas a compreender a força dos argumentos na construção de sentidos da reportagem intitulada “*Bullying*: nem sempre é possível remediar”. Para isso, averiguamos as teses defendidas pelo orador e as técnicas a que ele recorre para sustentar estes posicionamentos e, em seguida, analisamos a interação entre os argumentos.

Salientamos, ainda, que as discussões sobre a violência nas escolas não é um tema recente. No entanto, nos últimos tempos tem ocupado grandes espaços na mídia com a denominação de *bullying*. O termo *bullying* foi utilizado pela primeira vez pelo estudioso Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, no fim da década de 1970. O referido estudioso desenvolveu pesquisas nas escolas na tentativa de entender os problemas existentes entre os “agressores e suas vítimas”. O *bullying* consiste em qualquer tipo de ofensa que possa afetar emocionalmente ou psicologicamente um indivíduo.

No tocante ao processo de análise da relação interacional dos argumentos, recorreremos à observação de alguns aspectos caracterizadores do gênero do discurso que selecionamos para o estudo, na perspectiva teórica de Bakhtin (2016), tendo em vista a importância que esses elementos exercem na construção argumentativa dos enunciados. Nesse mesmo viés, buscamos também os estudos de Amossy (2018, p. 41), que defende: “O gênero do discurso, em relação direta com a sociedade que o institucionaliza, determina finalidades, quadros de enunciação e uma distribuição prévia dos papéis”.

Assim, recorreremos, como aporte teórico, aos estudos elaborados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Bakhtin (2016), Amossy (2018). Metodologicamente, esta investigação apresenta natureza estritamente

qualitativa, cujos procedimentos ocorreram a partir da delimitação de sete excertos da reportagem¹ para a análise.

A pesquisa se justifica pela relevância do conteúdo temático em que se insere o texto, assim, sendo o *bullying* nas escolas considerado um assunto polêmico e atual, salientamos que esta abordagem pode trazer contribuições significativas ao ensino, tanto em séries finais do Ensino Médio quanto em outra modalidade ou nível educacional em que a temática e o tratamento discursivo-argumentativo das categorias da Nova Retórica sejam pedagogicamente adequados aos sujeitos aprendizes. Ademais, nesta perspectiva de análise, destacamos a necessidade de compreendermos as formas com as quais o orador defende suas crenças e convicções, tornando-se indispensável aos estudiosos da argumentação analisar a interação que ocorre entre as teses defendidas e os argumentos que fundamentam os posicionamentos empregados pelo orador.

1 Teses, argumentos e interação: aspectos convergentes

As nossas ações são construídas e fundamentadas nas relações sociais por meio das trocas languageiras. A representação do que pensamos e fazemos é concretizada mediante os inúmeros posicionamentos que nos constituem e nos moldam enquanto seres sociais. Considerando a diversidade de situações na qual estamos inseridos e o universo das nossas relações interpessoais regidas por processos dialógicos entre sujeitos, a argumentação apresenta um caráter utilitário. Segundo Abreu (2008, p. 15), “Argumentar é a arte de convencer e persuadir”, não no sentido de vencer, forçar, submeter a vontade do outro a nossa, mas “é, em primeiro lugar, integrar-se ao universo do outro” de modo cooperativo e construtivo para obter o que queremos.

Toda argumentação, nesse sentido, implica a defesa de uma ideia central, a qual chamamos de “tese”, utilizada no momento de argumentar, seja para convencer, seja para persuadir o interlocutor. O orador apresenta um ponto de vista e, para dar sustentação a esse posicionamento, recorre a um dos elementos retóricos, denominados pelos estudos da argumentação de

¹ Publicada em 25 de outubro de 2017, por Ana Luiza Basílio, editora responsável pelo site *Carta Educação* (A matéria pode ser encontrada no site da revista: <https://www.cartacapital.com.br>).

base retórica de técnicas argumentativas, cujas atribuições consistem em fundamentar e embasar as teses defendidas.

O ato argumentativo requer que a ideia central seja apoiada por argumentos (razões ou justificativas) que endossem a ideia (tese) defendida pelo orador. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 50),

O objetivo de toda argumentação é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno.

Com base neste entendimento, o conceito de tese (quanto à ideia que se defende) precisa ficar claro, pois ela assume um papel importante nas interações discursivas, uma vez que o objetivo no processo comunicativo é a persuasão, a adesão à tese apresentada. Na produção de um discurso, sobretudo, na defesa de um posicionamento, um argumento funcionará como central ou axial, seguido por outros que a sustentarão. Conforme Pascal (2000, p. 51), a tese atua como “uma proposição (frase) que formula precisamente o que diz o texto (e, de maneira mais geral, o que diz a inteligência em face da realidade), tendo em vista enunciar o verdadeiro ou o falso”. Assim, essa proposição central se vincula à própria temática do texto. Já as técnicas argumentativas são entendidas como estratégias a que o orador recorre para convencer ou persuadir o auditório sobre as ideias defendidas.

Os estudos da argumentação que têm por base os posicionamentos teóricos da Nova Retórica surgem com o *Tratado da argumentação: a nova retórica* (PERELMAN; OLBCRECHTS-TYTECA, 2005), o qual está dividido em três partes. Os autores recorrem a essa divisão na tentativa de didatizar a temática, embora defendam que todos os elementos retóricos estão interligados na organização do discurso.

Assim sendo, tanto as primeiras discussões, apresentadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que contemplam a preparação para a argumentação (âmbito da argumentação), como a segunda parte, que funciona como uma espécie de mobilização dos valores existentes na comunidade para realizar a argumentação propriamente dita (ponto de partida da argumentação), e a terceira parte, definida na obra como o uso das técnicas argumentativas, são pontos fundamentais e importantes para que o

orador possa atuar sobre o interlocutor. De acordo com os autores, para que o orador consiga estabelecer algum tipo de relação com o auditório, é necessário que este apresente disposição para escutá-lo.

Com relação à presença das técnicas argumentativas, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) descrevem as características e exemplificam cada uma, as quais se diferenciam por processos de ligação (argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e argumentos que proporcionam as ligações que fundamentam a estrutura do real) e por dissociação das noções. Dessas, delimitamos apenas as que foram observadas no *corpus* de estudos.

Assim, em nossas análises, dos argumentos quase-lógicos, que são comparáveis aos raciocínios lógicos, identificamos os argumentos de *identidade*, *definição na argumentação* e *a divisão do todo em suas partes*. O primeiro consiste na ideia de que a identificação de um termo é considerada como essencial, uma vez que o conceito de um objeto do discurso permite revelar uma tomada de posição por parte do orador. Ou seja, ao assimilar e/ou tomar como sua uma conceitualização na produção de um discurso, o orador expressa concordar e compartilhar das ideias apresentadas ou somente tomá-las por base para encaminhar seus pontos de vista.

Deparamo-nos com as “definições normativas, descritivas, definições de condensação e complexas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 239). De acordo com os dados do nosso *corpus* de análise, entendemos que, dentre as definições apresentadas, a normativa predomina na organização do texto. O seu uso, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 239), pode ser resultado “de um compromisso individual, de uma ordem destinada a outros, de uma regra que se crê que deveria ser seguida por todos”. É uma definição que se apresenta como a mais propensa a se estabelecer como regra e ser aceita pelos pares de um grupo social.

No que se refere ao tipo de argumento pertencente aos grupos dos argumentos quase-lógicos, nomeado como a divisão do todo em suas partes, a nosso ver, está presente a ideia de que o todo é formado pela união das partes. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 271), “todos os argumentos por divisão implicam evidentemente, entre as partes, certas relações que fazem que a soma delas seja capaz de reconstituir o conjunto”.

Já os argumentos baseados na estrutura do real são aqueles que se apropriam da relação entre o raciocínio e as fórmulas lógicas ou matemáticas existentes nos argumentos quase-lógicos para admitir valores aceitos ou apresentar novas propostas. Desta técnica argumentativa, deparamo-nos com as ligações de sucessão, materializadas no tipo de argumento pelo *vínculo causal*, e com as ligações de coexistência, mediante a presença do *argumento de autoridade*.

O primeiro diz respeito às relações que se estabelecem entre um acontecimento e seus efeitos. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 299), “dentre as ligações de sucessão, o vínculo causal desempenha, incontestavelmente, um papel essencial, e seus efeitos argumentativos são tão numerosos quanto variados”. Os autores destacam três tipos de vínculos causais, sendo que, na presente investigação, identificamos apenas o que alude à noção de que, dado um fato, torna-se essencial evidenciar as consequências advindas dele.

As ligações de coexistência, especificamente, o argumento de autoridade, consiste na ideia de que a argumentação é influenciada pelo prestígio daquele que é mencionado pelo orador. Com base em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), afirmamos que o uso deste argumento se refere à importância atribuída a uma pessoa ou a um conjunto de pessoas como forma de provar que o ponto de vista defendido pelo orador faz parte do pensamento daqueles que são considerados autoridades no assunto. Logo, ao recorrer a este argumento, está implícito que não se concebem questionamentos, uma vez que o nome mencionado revela prestígio e conhecimento. Enfim, é alguém apresentado como um especialista no tema e que, portanto, está autorizado pela comunidade discursiva por ser o detentor daquele saber.

Os argumentos que proporcionam as ligações que fundamentam a estrutura do real exercem papéis diversificados, que vão desde a argumentação pelo exemplo, passando pela ilustração, até a compreensão do modelo ou antimodelo como forma de persuasão. Conforme o propósito do trabalho, o destaque está no fundamento pelo caso particular com o argumento pelo exemplo e pelo modelo. A argumentação pelo exemplo pressupõe um acordo entre os envolvidos na comunicação, já que pode se configurar na “formulação de uma lei” ou na “determinação de uma

estrutura, [...] como amostras, ou seja, ilustração de uma lei ou de uma estrutura reconhecidas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 400).

O orador recorre a essa estratégia como forma de apresentar dados que façam parte do conhecimento do interlocutor e que possam ilustrar a tese que ele defende. Com relação ao argumento pelo modelo, a ideia preponderante é a de que o orador tende a demonstrar que uma conduta poderá ser seguida pelos interlocutores ou pelo menos que promova inspiração no auditório.

Já os argumentos por dissociação das noções funcionam como uma espécie de ruptura que serve para “afirmar que são indevidamente associados elementos que deveriam ficar separados e independentes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 467-468). Desse grupo, destacamos o par filosófico: aparência/realidade. Recorremos aos posicionamentos dos estudiosos da Nova Retórica para afirmar que:

O termo I corresponde ao aparente, ao que se apresenta em primeiro lugar, ao atual, ao imediato, ao que é conhecido diretamente. O termo II, na medida em que se distingue dele, só é compreendido em relação ao termo I; é o resultado de uma dissociação, operada no seio do termo I, visando eliminar incompatibilidades que podem surgir entre aspectos deste último (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 473).

Nesse contexto, o segundo elemento do par filosófico permite observar o que é dito e considerado como válido pelo grupo social como algo que não pode funcionar de fato quando verificado em uma situação real. Os termos aparência e realidade podem significar que as informações acionadas não representam exatamente o que de fato acontece na realidade, gerando, dessa forma, uma situação de incompatibilidade ou contradição.

Diante do debate sobre as técnicas argumentativas, percebemos que os autores retomam alguns posicionamentos e afirmam que é importante a interação dos diversos argumentos para a construção dos discursos. Em outras palavras, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 523), quando tratam dessa temática, aludem à

interação entre diversos argumentos enunciados, interação entre estes e o conjunto de situação argumentativa, entre estes e sua conclusão e, enfim, interação entre os argumentos contidos no discurso e aqueles que têm este último por objeto.

Reconhecemos que a interação entre as teses e os tipos de argumentos revela a força argumentativa que emana dos argumentos como forma de atuar sobre o interlocutor. Nesse contexto, salientamos que as técnicas argumentativas são utilizadas com a finalidade de reforçar os argumentos apresentados pelo orador. E, diante dessa ideia, depreendemos que a interação entre os argumentos de sustentação da tese, a estrutura deles, a imagem revelada do orador e as emoções suscitadas no auditório constituem a força argumentativa e o poder de persuasão. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 524), “a força dos argumentos variará, pois, conforme os auditórios e conforme o objetivo da argumentação”.

A nosso ver, esse pensamento vai ao encontro do que defende Amossy (2018, p. 243), quando a autora afirma que “A argumentação depende diretamente do quadro discursivo no qual ela se desenvolve”. Desse modo, entendemos que a compreensão acerca dos processos interacionais existentes entre os argumentos construídos no texto subjaz também à consideração dos fatores genéricos, os quais determinam as inúmeras escolhas dos meios linguísticos e estratégias textuais realizadas pelo orador, conforme abordamos no tópico seguinte.

2 Os gêneros do discurso: reflexões teóricas

Bakhtin (2016, p. 12) define os gêneros do discurso como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (grifos do autor), destacando o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo como elementos que os caracterizam e os compõem, de forma inseparável. Desse modo, o estilo de um gênero, que corresponde às escolhas linguísticas de que o locutor se apropria para apresentar o tema, evidencia a esfera ou campo de atividade da qual o gênero é integrante. Por sua vez, o tema, que não diz respeito simplesmente ao conteúdo, é inferido com base na valoração do locutor, na forma como este aborda as questões sociais e, principalmente, dos objetivos que ele quer alcançar com o texto que, a depender desses aspectos – objetivo, estilo, tema, entre outros – apresenta uma construção composicional.

Os componentes pragmáticos caracterizadores do gênero, como o propósito comunicativo e o contexto de enunciação em que este é produzido funcionam como aspectos mobilizadores dos meios linguísticos que integram

o estilo da linguagem utilizada e, conseqüentemente, interferem na construção argumentativa dos enunciados. Com base neste pensamento, é a situação discursiva na qual se inscreve a argumentação que determina o seu valor, portanto, é o gênero o elemento definidor dos papéis discursivos e, sendo a argumentação constitutiva do discurso, ela dependerá do gênero do discurso de que é parte (AMOSSY, 2018).

O gênero reportagem pertence à esfera discursiva jornalística, cujo propósito comunicativo consiste em informar sobre um assunto, que pode estar relacionado a um fenômeno social, cultural, político etc. Tendo em vista que tais fenômenos geralmente são de interesse do público em geral, o projeto discursivo do locutor/orador precisa ser elaborado de tal maneira que possa adaptar-se a um interlocutor/auditório amplo, universal. Ao debater sobre o direcionamento dos enunciados, na perspectiva dos gêneros discursivos, Bakhtin (2016, p. 63) atesta que as “[...] concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere”. Nessa esteira, a forma como o orador se posiciona perante o auditório, assim como a representação que constrói deste constituem aspectos decisivos na composição estilística do texto e, conseqüentemente, na capacidade argumentativa advinda das relações entre os argumentos construídos.

Assim sendo, “A argumentação depende diretamente do quadro discursivo no qual ela se desenvolve” (AMOSSY, 2018, p. 243), razão pela qual abordamos, nesta pesquisa, as propriedades do gênero na análise argumentativa da reportagem, por meio destes subsídios teóricos relevantes que, articulados aos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), possibilitaram-nos uma análise interacional, a nosso ver, consistente, dos argumentos mobilizados no texto em estudo.

Passamos a observar de que modo o orador recorre a essa interação para apresentar os posicionamentos que defende com relação ao tema *bullying* nas escolas. Para isso, inicialmente, evidenciamos a tese que o orador apresenta na reportagem; em seguida, observamos as técnicas argumentativas e o tipo de argumento e, por fim, estabelecemos a relação que há entre a tese e a escolha dos argumentos na organização da argumentação.

3 A interação entre as teses e os argumentos sobre *bullying* na escola: alguns posicionamentos

A reportagem que trata do tema *bullying* nas escolas, objeto de estudo do nosso trabalho, promove reflexões sobre a violência nas escolas e, na construção discursiva do texto, o orador recorre a diferentes técnicas argumentativas para fundamentar a defesa dos posicionamentos apresentados. Baseando-nos no pensamento de Bakhtin (2016), destacado anteriormente, pressupomos que, no texto em análise, o auditório construído pelo orador seja bastante amplo, a julgar pelo caráter heterogêneo do público a quem a temática pode interessar – estudantes, pais, professores, especialistas no assunto, entre muitos outros. Esse fato, pode, inclusive, justificar a utilização de diferentes técnicas pelo orador, no entanto, interessamos compreender de que maneira esses argumentos interagem, no sentido de aumentar a força argumentativa² presente na construção discursiva do texto. Para realizarmos esta investigação, destacamos da reportagem sete (07) excertos a serem analisados, cujo objetivo, além de evidenciar a tese e as técnicas argumentativas, observa a interação estabelecida no texto entre a defesa das teses e o uso dos argumentos.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 523) consideram que “os elementos isolados com vistas ao estudo formam, na realidade um todo” e, sob esse olhar, podemos afirmar que o orador defende a tese de que o *bullying* nas escolas, além de se configurar em graves consequências para o aluno e para a sociedade de modo geral, já que poderá ser o motivador de ações calamitosas e atingir os diversos segmentos sociais, pode ainda provocar problemas que nem sempre se conseguem remediar ou impedir, tais como as tragédias descritas no texto.

No primeiro excerto, o orador faz uma apresentação geral do fato que motivou a produção da reportagem. Vejamos:

² Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 400) afirmam que a força dos argumentos está vinculada “de um lado, à intensidade de adesão do ouvinte às premissas, inclusive às ligações utilizadas, de outro, à relevância dos argumentos no debate em curso”.

Excerto 1:

Um estudante de 14 anos, uma pistola de uso restrito da Polícia Militar, dois adolescentes mortos, quatro feridos à bala, entre eles uma garota paraplégica após o ataque. O lamentável episódio ocorrido no Colégio Goyases, em Goiânia, na sexta-feira 20, traz a amarga lembrança de outras duas tragédias em comunidades escolares.

Nesse excerto, o orador principia a reportagem destacando os elementos que compõem o conjunto de ações resultante da tragédia ocorrida no colégio Goyases, em Goiânia. A presença dos argumentos quase-lógicos se concretiza no texto com o uso da *divisão do todo em suas partes*, uma técnica argumentativa que permite ao orador demonstrar que, nesse caso, a tragédia descrita é formada por uma sequência de ações que se inicia com um adolescente, mas que tem como resultado feridos e mortos.

Esse tipo de argumento revela que o todo, no caso a tragédia, não se constitui apenas em um acontecimento isolado, pois ele é resultante da soma de suas partes, que são descritas pelo orador como: um estudante de 14 anos, uma pistola, dois adolescentes mortos e quatro feridos, e que se relacionam entre si, uma vez que se constituem em elementos pertencentes a um mesmo acontecimento. É possível observar a interação entre esses elementos sequenciados dos acontecimentos e a tese que é empreendida no todo da reportagem, tendo em vista que as ações evidenciam, já no início do texto, a gravidade representada pelo *bullying* nas escolas, reforçando, de forma antecipada, a ideia central defendida pelo orador.

Em seguida, no segundo excerto, o orador complementa a ideia apresentada anteriormente, ainda com relação à tragédia, ao afirmar que o episódio em questão faz parte de outros fatos, que ocorreram em lugares diferentes, mas que se relacionam entre si. Vejamos:

Excerto 2:

Em depoimento à Polícia Civil, o atirador afirmou vingar-se do *bullying* praticado por colegas e admitiu ter se inspirado no massacre de Realengo, em 2001, quando um ex-aluno armado com dois revólveres executou 12 jovens em uma escola carioca, e o morticínio em Columbine, nos Estados Unidos, com 12 alunos e um professor assassinado em 1999.

Notemos que a informação sobre o acontecimento ocorrido em Goiânia não é um fato único, mas mantém relação com o excerto anterior, uma vez que o adolescente declara ter se inspirado em outros episódios para organizar o processo de vingança contra o *bullying* sofrido na escola. Nesse caso, chamamos a atenção para o *argumento pelo modelo* e o *antimodelo* pertencentes às técnicas argumentativas denominadas de ligações que fundamentam a estrutura do real: o fundamento pelo caso particular.

Este tipo de argumento nos permite observar que um fenômeno pode funcionar como um estimulador ou um inspirador de uma ação. De acordo com os autores do Tratado da Argumentação (2005), o modelo resulta em um comportamento que deveria ser seguido, pois possui certo prestígio, e o antimodelo, o contrário, já que consiste em uma atitude da qual o interlocutor deveria afastar-se.

Sob o contexto de estimulação ou de inspiração como algo a ser seguido ou não por parte do auditório, convém destacar a importância dos valores (*doxa*) que são acionados pelo orador nessa tentativa de influência. Ou seja, podemos inferir que embora o massacre de Realengo, ocorrido em 2001, não possa ser considerado como algo positivo socialmente, para o adolescente funcionou como uma espécie de estopim, mobilizando o desejo de vingança pelo *bullying* experienciado em sala de aula, levando-o a decidir por copiar o modelo e agir do mesmo modo.

Assim, em um primeiro momento, o interlocutor pode pensar que o fato ocorrido em Goiânia não mantém relação com os casos que aconteceram em outros países. No entanto, como podemos observar nas palavras do próprio adolescente, ele se espelhou em situações similares que serviram de incentivo para a imitação que culminou no acontecimento descrito na reportagem. Logo, a atitude tomada pelo adolescente teve como motivação episódios já existentes.

Nesse sentido, inferimos que o *argumento pelo modelo*, entendido como algo a ser seguido pelo interlocutor, nem sempre acontece quando se relaciona à ideia de prestígio ou de um comportamento “adequado” aos padrões sociais. Muitas vezes, o que deveria ser “condenado”, como neste caso, resulta por influenciar e promover a imitação, mesmo que esteja fora dos padrões de comportamentos aceitos socialmente.

Ademais, percebemos que ocorre interação entre os argumentos presentes no excerto 2 e a tese (de que o *bullying* consiste em provocar no sujeito, vítima da violência, consequências graves, levando-o, algumas vezes, a atitudes extremas), quando este coloca em cena a voz do atirador, por meio da qual se estabelece uma relação dialógica de vozes: a do orador, a do atirador e a da Polícia Civil – neste caso, veiculadora do depoimento do jovem. Esse conjunto de vozes, que são endereçadas ao auditório, atua no sentido de reforçar a adesão deste, ao mesmo tempo em que se articula diretamente ao propósito comunicativo da reportagem, haja vista que essa estratégia argumentativa confere veracidade aos fatos apresentados.

No terceiro excerto, o orador recorre à definição do termo no texto da lei que orienta o tema para fundamentar seu posicionamento.

Excerto 3:

No texto da lei, o *bullying* é entendido como uma intimidação sistemática, baseada em atos de violência física ou psicológica, praticados de forma intencional e repetitiva, sem motivo aparente. Os agressores visam infligir dor e angústia às vítimas, valendo-se de uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

No terceiro excerto destacado da reportagem, há a predominância do *argumento de definição*, pertencente aos argumentos quase-lógicos. Conforme já afirmamos neste artigo, a ação de definir um objeto do discurso permite ao interlocutor identificar as concepções defendidas pelo orador, que pode ainda, no caso dessa definição que denominamos de normativa (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), servir para estabelecer-se como uma regra geral.

Em outras palavras, a definição normativa expressa, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 239), a “forma em que se quer que uma palavra seja utilizada”. Logo, é nesse sentido que compreendemos a definição apresentada no texto como uma delimitação que norteará o interlocutor na interpretação do sentido do termo *bullying*.

Acrescentamos que o excerto cuja definição é retomada pelo orador também revela uma informação importante para a construção do argumento, ou seja, a definição consta na lei que trata do *bullying* na escola, portanto não

é, a nosso ver, “qualquer definição” a que o orador se filia; é aquela que faz parte do texto que representa uma norma a ser seguida por todo os cidadãos.

Chamamos a atenção do leitor deste artigo para a necessidade que o orador percebeu de estabelecer parâmetros definidores que atribuíssem valor ao termo, ou seja, o argumento por definição concretiza a relação interacionista com os argumentos utilizados no início da reportagem por se apresentar como uma retomada do acontecimento e também como uma espécie de conclusão. Nesse caso, o orador lança mão de dados irrefutáveis perante a lei para apresentar qual o sentido atribuído ao termo *bullying*, não cabendo ao auditório refutar a definição, visto que ela consta em um documento oficial. Logo, esse recurso argumentativo considera os conhecimentos que o auditório revela das leis como algo a ser obedecido pelo cidadão.

Observemos também que existe uma relação interacional entre esse argumento e a estratégia argumentativa utilizada no fragmento 2, no que se refere ao estabelecimento das vozes, uma vez que a lei que trata do *bullying* também constitui uma voz, nesse caso, uma voz social, que é dotada de autoridade porque, como dissemos, representa a norma e integra o discurso do orador, que a utiliza como argumento para sustentar a tese empreendida. Todas essas vozes interagem, pois elas mantêm entre si relações de dependência – o discurso normativo funciona, por exemplo, como norteador para a apreciação dos demais posicionamentos. Assim sendo, os argumentos que são construídos com base nelas também interagem, favorecendo a construção do processo argumentativo da reportagem.

Em seguida, o orador tenta esclarecer de forma mais concreta o que significa *bullying* em uma linguagem que faça parte do acervo de conhecimentos do interlocutor. Para isso, recorre a um especialista no assunto. Vejamos:

Exceto 4:

“No mundo adulto, seria como o assédio moral praticado no ambiente de trabalho. Nas escolas, essa perseguição tem outras implicações”, afirma Cléo Fante, doutora em ciências da educação e autora do livro *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz* (Editora Verus).

Nesse quarto excerto, o orador utiliza a explicação dada por um especialista na área para facilitar o entendimento do significado de *bullying*. Para isso, na reportagem, ele, o orador, faz uso do *argumento de autoridade*, pertencente aos argumentos baseados na estrutura do real: as ligações de coexistência, como forma de esclarecer o posicionamento defendido e ainda para revelar que este pensamento está sendo endossado por alguém que se apresenta como doutora e autora de obra que discute o assunto.

Logo, esse tipo de argumento revela uma ligação que mantém relação entre uma essência e sua manifestação, ou seja, entre “uma pessoa e seus atos” (PERELMAN; OBLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 334). Podemos inferir, nesse caso, sobretudo, que a ação de estudar o tema e ter desenvolvido pesquisas na área são atributos que outorgam à pesquisadora a qualidade de ser a pessoa mais capacitada para falar do assunto. Ao recorrer a essa “autoridade”, o orador revela estar de acordo com os posicionamentos defendidos pela pesquisadora que, por sua vez, serve para endossar os pontos de vista apresentados pelo orador. No tocante à relação entre os argumentos identificados nos excertos anteriores, o orador utiliza uma estratégia diferente, porém aborda novamente recursos enunciativos, nesse caso, optando por introduzir a voz de autoridade da especialista por meio do discurso direto.

Mais uma vez, observamos que a força desse argumento está relacionada à não refutação por parte do auditório a quem a reportagem se direciona. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 525), “a força do argumento se deve em grande parte à sua possível resistência às objeções” por parte do auditório. Logo, a nosso ver, é necessário ao orador acionar elementos que sejam aceitos por esse auditório ou que pelo menos não permitam questionamentos a ponto de desconstruir o argumento apresentado.

A seguir, apresentamos o quinto excerto destacado da reportagem.

Exceto 5:

Segundo a especialista, as vítimas costumam apresentar queda no rendimento escolar e na frequência às aulas, dificuldade no processo de socialização, além de sofrer abalos psicológicos e problemas de saúde. Nem sempre, elas reagem com violência. Na maioria dos casos, sofrem caladas.

Nesse excerto, que apresenta as consequências do *bullying* sofrido pelos estudantes, o orador lança mão, mais uma vez, das ideias defendidas pela especialista no assunto, porém revela mais explicitamente que concorda com estes posicionamentos. O texto expressa essa afirmação, quando as palavras tanto do especialista quanto do orador se imbricam a ponto de não identificarmos uma só autoria. Ou seja, embora este atribua ao especialista os dizeres apresentados, percebemos que ele também revela posicionamentos que fazem parte do seu acervo de conhecimento.

Como recurso argumentativo, o orador utiliza a técnica dos argumentos baseados na estrutura do real: as ligações de sucessão com o uso do *argumento vínculo causal e a argumentação*. O destaque, nesse tipo de argumento, está na sucessão dos acontecimentos, ou seja, um episódio poderá provocar inúmeros outros como consequências.

A nosso ver, para identificar se um estudante sofreu *bullying* na escola, cabe aos responsáveis observar se ele apresenta “queda no rendimento escolar, na frequência às aulas, dificuldade no processo de socialização, além de sofrer abalos psicológicos e problemas de saúde”. Segundo a reportagem, esses elementos representam consequências do tipo de violência vivenciado pelo aluno.

Observamos que a força do argumento se relaciona ainda à definição que foi apresentada no excerto anterior. A preocupação que o orador apresenta nesse momento consiste em descrever as características que um aluno demonstra ao sofrer *bullying* na escola, inclusive como uma forma de motivar o auditório, nesse caso, professores, diretores e familiares das vítimas, a observar esse tipo de comportamento.

Percebemos, com essa estratégia, que o orador continua utilizando o discurso de autoridade da especialista (materializado no excerto 04), porém optando pela forma indireta (textualizado no excerto 05) dos enunciados, de maneira que as escolhas lexicais realizadas e reorganizadas pelo orador – que se difere da forma como a especialista as proferiu –, possa atender ao seu projeto de dizer, no sentido de atingir um auditório mais amplo. Assim sendo, mais uma vez fica evidente a relação entre os argumentos e, com isso, o esforço pela integração do auditório à tese defendida pelo orador das graves

consequências que o *bullying* provoca nos estudantes e da necessidade de se combater esse tipo de violência.

Já no sexto excerto, observamos que o orador recorre a atitudes governamentais que poderão auxiliar na amenização da problemática nas escolas. Vejamos:

Excerto 6:

Não por acaso, algumas redes de ensino têm investido em projetos de mediação de conflitos. Com mais de 5 mil escolas e 4 milhões de estudantes, a rede paulista anunciou em 2016 a ampliação do Programa Professor Mediador. De acordo com a Secretaria de Educação de São Paulo, cada unidade tem ao menos um profissional capacitado para buscar soluções pacíficas para desavenças entre os alunos. No caso de 1,7 mil escolas situadas em bairros mais violentos ou com maior vulnerabilidade social, o governo pretende alocar ao menos dois “mediadores”.

No sexto excerto, o orador recorre à técnica argumentativa denominada de ligações que fundamentam a estrutura do real: o fundamento pelo caso particular com a presença da *argumentação pelo exemplo* para sustentar a tese de que os projetos funcionam positivamente em algumas redes de ensino e que, portanto, poderão ser utilizados por outras instituições como parâmetro. Nesse sentido, o orador recorre aos dados da Secretaria do Estado de São Paulo para exemplificar medidas que foram tomadas e que deram resultados, como o investimento em projetos de mediação de conflitos. Com dados numéricos precisos, o produtor da reportagem reforça o uso dos argumentos, ao apontar que 5 mil escolas e 4 mil estudantes têm sido beneficiados com o Programa Professor Mediador, evidenciando a necessidade e o anúncio de ampliação do programa em 2016. Ele demonstra também as pretensões do governo na intensificação do número de mediadores em 1,7 mil escolas que estão situadas em bairros cuja violência e vulnerabilidade é mais acentuada e evidente.

Esses argumentos são apresentados como espécie de exemplo a ser seguido, pois encerram medidas positivas a serem tomadas pelo governo como forma de sanar a problemática. Recorrer a esse tipo de dados, como exemplo de ação por parte do governo para resolver a questão, comprova a

eficiência do projeto e se apresenta como um meio de justificar a ampliação desse na região de São Paulo.

A presença da interação expressa nesse tipo de argumento consiste na existência de uma ação que vem obtendo resultados positivos e, por essa razão, esses devem ser evidenciados pela sociedade e o empreendimento ampliado pelo governo. Logo, a força do argumento se baseia em dados concretos, não deixando dúvidas quanto à eficiência, pois, uma vez que está dando certo em um local, essa ação poderá ser aplicada na cidade de São Paulo. Nesse caso, “argumento forte é um argumento eficaz, que determina a adesão do auditório” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 526).

Para se manter coerente ao seu projeto de dizer, implementado desde o início do texto por meio de diversificados discursos que interagem na realização da finalidade a que o texto se propõe, o orador intervém, ao mostrar o exemplo de uma ação que se concretizou positivamente e, para tanto, utiliza o discurso da instituição que serve de modelo a ser seguido – a Secretaria de Educação de São Paulo.

No sétimo excerto da reportagem nos deparamos com o uso da técnica argumentativa denominada dissociação das noções.

Excerto 7:

Apesar de o Brasil ter um programa nacional de combate ao *bullying*, instituído pela Lei nº 13.185, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff em 2015, boa parte das medidas previstas jamais saiu do papel, como a produção e divulgação de relatórios bimestrais das ocorrências nas redes de ensino estaduais e municipais para o planejamento de ações preventivas e de proteção às vítimas.

Nesse excerto, o orador recorre ao uso da técnica argumentativa da dissociação das noções com o par filosófico aparência/realidade para defender a tese de que o governo precisa tomar medidas efetivas no combate ao *bullying* nas escolas. O orador se apropria do documento da Lei nº 13.185, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff em 2015, para comprovar que, embora o programa nacional de combate ao *bullying* exista no Brasil, na realidade, não funciona como deveria, visto que boa parte das medidas jamais saiu do papel.

Dito de outro modo, o orador utiliza a lei como técnica argumentativa para evidenciar o par filosófico “aparência/realidade”. A realidade configurada como a Lei materializada no texto escrito que orienta os posicionamentos do indivíduo e a aparência configurada como a eficiência/atuação dessas leis na sociedade. Essa técnica leva o interlocutor a questionar sobre a outra face da “realidade”, proporcionando reflexões para a incompatibilidade que há na criação e aprovação de medidas como essa e na existência de fato destas medidas na vida cotidiana. A força do argumento consiste na demonstração, por parte do orador, de uma prova considerada válida para o auditório, uma vez que retoma a ideia do senso comum de que há diferenças entre o que está posto na lei e as medidas que são tomadas no contexto real.

Diante das análises, identificamos as técnicas utilizadas pelo orador da reportagem para sustentar as teses defendidas e inferimos que há, de modo geral, uma preocupação com a organização do texto, no sentido de expor elementos que possam comprovar as ideias apresentadas pelo orador e que, de alguma forma, possam exercer certa influência sobre o auditório, levando-o a aderir às teses apresentadas pelo orador.

Com o objetivo de fundamentar os posicionamentos presentes na reportagem, o orador se vale de diferentes técnicas que, conforme pudemos observar, evidenciam sua capacidade argumentativa. Vale salientar, contudo, que a utilização por si só das técnicas não encerra as estratégias argumentativas empreendidas pelo orador. A nosso ver, é a organização interacional dos argumentos e desses com a tese que proporciona a devida força na busca pela adesão do auditório.

Chamou-nos a atenção a maneira gradativa e interacional com que o orador expôs os argumentos, inserindo-os na textualidade por meio das diferentes vozes – do estudante (atirador), da lei, do especialista, da secretaria de educação –, todas entremeadas, em alguma medida, à voz do orador. Nessa análise, não podemos olhar a construção dos argumentos como uma ação desvinculada do quadro genérico em que ela está inserida, pois consoante lembra Amossy (2018, p. 244), “[...] a força da palavra é indissociável da posição ocupada em um campo preciso, em um dado estado da estrutura desse campo”, porque é o espaço social que define como o discurso funciona e em que medida ele exercerá influência sobre o outro. No

tocante ao lugar ocupado pelo orador, faz-se necessário observarmos a influência do espaço que ele representa na construção do texto em análise.

Assim sendo, compreendemos que a construção dos argumentos na reportagem analisada correlaciona-se ao propósito comunicativo do texto que, mesmo prezando pela objetividade, por ser um gênero jornalístico, apresenta um orador cujo posicionamento evidencia convicções e valores, os quais se inscrevem no discurso por meio de diversas estratégias argumentativas empreendidas com vistas à adesão do auditório. Essas estratégias que, à primeira vista, manifestam-se por meio das técnicas utilizadas, vão além delas, revelam-se na interação entre os argumentos e entre esses e as técnicas argumentativas difundidas pelos autores da Nova Retórica.

Considerações finais

Para finalizar as discussões tratadas neste trabalho, cujo objetivo consiste em analisar a interação dos argumentos na construção de uma reportagem sobre *bullying* nas escolas, podemos afirmar que, argumentativamente, o orador defende uma tese macro e que, para sustentar seus posicionamentos, recorre ao que denominamos de micro teses e as relaciona às inúmeras técnicas argumentativas abordadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Os recursos linguísticos e enunciativos utilizados pelo orador, dos quais evidenciamos o quadro polifônico inserido na construção discursiva dos argumentos, funcionam como acionadores dos aspectos argumentativos. Obviamente, as estratégias não se reduzem às escolhas, mas também à maneira como elas são organizadas na materialidade do texto. Por isso, relembremos a importância que Amossy (2018) confere às propriedades do gênero, na definição das funções desempenhadas pelos meios linguísticos e na mediação orientada do discurso.

Observamos que cada técnica implica uma força argumentativa, como por exemplo: no excerto 1, pudemos verificar que a técnica argumentativa “*divisão do todo em suas partes*” foi aplicada com o intuito de demonstrar uma sequência de elementos que culmina na tragédia, ou seja, o orador inicia o texto relatando sobre um acontecimento e para fortalecer os

posicionamentos defendidos, ele recorre às partes, dando ênfase à interação de cada elemento que compõe a tragédia, com vistas a conduzir o auditório ao entendimento de como se deu o ocorrido.

Nos excertos 2 e 6, ao utilizar a técnica “o fundamento pelo caso particular: o primeiro pelo modelo e o segundo pelo exemplo”, o orador recorre aos aspectos externos para reforçar seu posicionamento. O auditório é conduzido a relacionar o fato atual a outros episódios já ocorridos, correlacionando-os para definir uma tomada de posição.

Já no excerto 3, identificamos que o orador utiliza o “argumento por definição”, para tentar conduzir o interlocutor a aderir ao sentido que ele quer atribuir ao termo *bullying*. Há, nesse caso, uma força argumentativa em razão de o orador acionar as concepções que o auditório já tem internalizado sobre o assunto. E, para fortalecer ainda mais o uso dos argumentos anteriores, no excerto 4, ele utiliza o “argumento de autoridade”, em que a voz de um especialista atribui maior credibilidade à ideia defendida. O auditório é orientado a conferir valor/força às palavras de um alguém que, por sua vez, é o maior conhecedor do assunto.

No exceto 5, identificamos a utilização do argumento pelo “vínculo causal”, cuja força é definida pela sucessão dos acontecimentos, nesse caso, o auditório atribui ainda mais credibilidade aos relatos vivenciados pelo especialista, já que essa se revela como autoridade por apresentar características de um conhecedor do tema. E, por fim, no excerto 7, o orador, ao utilizar a técnica argumentativa denominada de dissociação das noções, concretizada pelo par filosófico aparência/realidade, orienta o interlocutor a estabelecer relação entre os elementos que fazem parte do texto da lei, mas que na prática não acontecem. Logo, nem sempre o que está materializado, de fato, ocorre na realidade, sendo, portanto, algo que figura na aparência, mas que não pertence à realidade social.

Por fim, acreditamos que os resultados apresentados evidenciam, cada vez mais, a necessidade de o pesquisador investigar a interação argumentativa por intermédio da qual os diversos discursos são construídos e cujo funcionamento inicia-se por meio dos recursos linguísticos que são acionados em função de um propósito comunicativo. A utilização das inúmeras estratégias que a língua nos proporciona são reguladas por um quadro discursivo, inseparável da vida social e institucional dos seres, onde

entram em cena orador e auditório, agindo um sobre o outro, persuadindo ou orientando. É nessa perspectiva que a interação surge como uma ação impulsionadora na força dos argumentos e no papel que a argumentação exerce na construção e na organização discursiva do texto.

Fonte

BASÍLIO, Ana Luiza. **Bullying: nem sempre é possível remediar**. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/bullying-nem-sempre-e-possivel-remediar/>. Publicado em outubro de 2017. Extraído em janeiro de 2018.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciado razão e emoção**. Cotia: Atelié Editorial, 2005.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no Discurso**. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

LIMA, Edmar Peixoto. **Abordagem terminológica nas veredas teóricas da argumentação: uma investigação sob a perspectiva da variação denominativa**. 2017. 325f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

PASCAL, Ide. **A arte de pensar**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a Nova Retórica**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.